

GT12: Antropologia das Relações Humano-Animal

Andréa Osório, Flávio Silveira

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal "real"; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

Memórias de borboleta e outras memórias: um estudo sobre a reestruturação da coleção entomológica do museu nacional - ufrj

Autoria: Líbera Li de Lima Nunes

Também as borboletas e mariposas apresentam memória, capacidade que perpassa até mesmo seu processo de metamorfose. Durante a fase de casulo, os tecidos do corpo da lagarta se reorganizam na forma de indivíduo adulto. Em alguma parte desse processo certas aprendizagens se mantêm. Sob a inspiração do artigo de Douglas Blackiston (2008), que testou a hipótese de que Lepidópteros, grupo de insetos que inclui borboletas e mariposas, apresenta memória associativa. Ou seja, pode recordar por associação. E de uma lembrança pessoal na qual guardei uma borboleta em um caderno por 20 anos e ela permaneceu com suas cores íntegras; passei a refletir sobre a formação da memória em grupos não-humanos, humanos, suas relações e o quanto dura o corpo de uma borboleta guardada. Por conta disso, esta pesquisa retoma minha formação como bióloga, desbravando a antropologia da ciência, a fim de estudar a reconstrução da coleção de Lepidopteros do Museu Nacional da UFRJ. Trata-se de uma coleção reconhecida, a 3ª maior da América Latina, e que perdeu 98% do seu acervo no incêndio de 2018. Trago aqui uma proposta de diálogo entre ciências, as sociais e as biológicas, ao elaborar a temática do patrimônio de um Museu de História Natural em seu processo de renascimento. Contudo, reconstruir caracteriza estar em um outro tempo do que quando foi construída. O Museu Nacional iniciou sua coleção entomológica no século XIX, as perspectivas eram outras. Iniciar novamente significa novas técnicas e novas prioridades. A coleção só existe por conta da borboleta e da mariposa e de sua interação com o cientista e o museu só existe por conta da coleção e essas relações são influenciadas por aspectos como a política. Não falo apenas do ambiente do laboratório e da história científica, mas da questão afetiva com a instituição, da memória coletiva e individual, assim como da memória carregada na coleção em si e do papel que o próprio animal pode ter nesse processo de emaranhamento. Desse modo, a partir do trabalho de campo e da descrição etnográfica das atividades do Laboratório de Pesquisa em Lepidopteros do MN, no qual possuo vínculo como estagiária, discuto a questão da fragilidade da borboleta, enquanto objeto de trabalho do cientista no âmbito da salvaguarda, o aspecto da

perda e da reconstrução da coleção como importante para o que chamamos de preservação da biodiversidade e manutenção de uma história evolutiva, e a perspectiva da reestruturação da coleção para o curador. Falar de memória é falar principalmente de esquecimento, visto que lembrar é um ato eternamente preso em sua incompletude, assim como o colecionar. Contudo podemos falar do que se consegue guardar e do que se guarda para direcionar próximos voos.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

